



Gaiato

31 DE OUTUBRO DE 1970
ANO XXVII — N.º 695 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DOCTRINA

De ESCALADA — Folha de ligação do Conselho Central do Porto das Conferências Vicentinas, colhemos este pedaço de Doutrina, tema tão oportuno neste tempo em que se acha tão turbada a sensibilidade aos valores perenes, em que se consomem energias sem conta no provisório de experiências que buscam uma garantia utópica para o vôo no tempo a caminho da Eternidade. Como se não bastassem os 100 por 1 — aval do Divino Banqueiro...!

AMOR = COMPROMISSO

«Hoje o homem não pode já ser indiferente ao mundo que o rodeia. Os meios de comunicação social são uma realidade quotidiana.

Que mundo novo é este do século vinte? Um mundo de angústia, de confusão, de ditadura, de revolução, um mundo no meio do qual nós, homens de 1970, vivemos na doce calma daquele que «não faz nada de que se censure»... ou daquele que não está comprometido e se sente satisfeito consigo mesmo.

Comprometido: palavra que parece sem significado. O que significa hoje? Comprometido para com quê ou com quem?

Comprometer-se é intervir e tomar parte activa nos problemas do seu tempo. Exige pois uma certa continuidade no pensamento e na acção, pois que esta é a tendência natural num futuro mais ou menos próximo.

Ao longo da nossa vida vários são os compromissos que nos são propostos: desde o de estudante ao de trabalhador. O seu complemento, mais que nunca indispensável, é a formação pessoal, que mais tarde servirá para estabelecer uma verdadeira hierarquia de valores e tomar opções. Depois põe-se o problema da educação das crianças, com as suas múltiplas implicações psicológicas.

O compromisso político ou social não impede de modo algum este longo caminho, porque tem em conta a razão do homem na sociedade.

No entanto, estas responsabilidades humanas, por muito primordiais que sejam, não bastam para nos abrir à dimensão do mundo.

Qual o sentido desta eterna renovação? Após milhares de anos os homens voltam sempre ao princípio. Só Um deus a resposta... e fê-lo com o seu sangue! Comprometeu-se até à

SEGUE NA QUARTA PÁGINA

Escrevemos a cinco dias da inauguração da nova casa-mãe, concretização de um sonho já muito antigo e estímulo decisivo para uma caminhada longa a percorrer ainda, difícil e penosa, sem dúvida, mas aliciante pelo seu objectivo. Mais do que palavras interessam-nos factos, sobretudo neste tempo em que aquelas superabundam, escritas ou faladas, denotando tantas vezes uma triste incapacidade de amor ou procurando esconder uma confrangedora tristeza de espírito. Outros poderão fazer melhor, mas poucos realizarão com mais desinteresse e boa vontade. Decerto, toda a nossa maneira de trabalhar, fundada nas linhas estabelecidas por Pai Américo, apesar de considerada por alguns teóricos(?) como antiquada, denota a riqueza dum processo que a nós próprios se apresenta como autêntico milagre nos seus resultados. Sem recursos ou auxílios especiais, contando fundamentalmente com o labor dos próprios Rapazes e a presença generosa de amigos devotados, vamos construindo e colocando ao serviço dos que nos foram confiados instalações condignas e acolhedoras, procurando reintegrar na sociedade aqueles que esta, em grande número de casos, rejeitou como espúrios. E isto humildemente, sem comprometermos ou conluir alienantes, antes de cerviz direita, que centra no Alto a razão de ser de toda a acção e da respectiva eficácia.

Vamos agora debruçar-nos sobre as novas oficinas-escolas,



Aqui, LISBOA!

enquanto temos já entre mãos os projectos relativos ao primeiro edifício exclusivamente habitacional, de dois pisos, para uma população de 50 a 60 Rapazes. Quanto irá custar isto tudo e de que valores dispomos para o efeito? Só sabemos dar resposta à segunda parte da pergunta afirmando que dispomos de Fé e o Senhor não nos faltará. Empenhando toda a nossa vida na consecução de tal objectivo, estamos certos, por outro lado, que os nossos Amigos saberão corresponder e acompanhar-nos. Deste modo enquanto os ciganos forem cantando ou apregoando diletantemente as suas especulações, obreiros de fora e de dentro, de mãos unidas, iremos sem gritos nem bicos de pés para que nos vejam e incensem, erguendo obra válida e visível. Pensamos que a Obra da Rua continuará a ser «algo de novo em Portugal» e, em sinal de gratidão para com o seu Cabouqueiro, desta feita, na data em que se comemora a sua vinda à luz do dia, vamos oferecer-lhe a prenda da nova casa-mãe de Lisboa. E é tudo, por hoje.

Padre Luís

CANTINHO dos que ficam

Não cheguei a justificar-me no derradeiro cantinho do «temos sentido tanto a ausência de notícias...», senão, genericamente, «pela imensidão da nossa vida». Aliás, todos a conhecem. Por isso, «compreendemos o seu silêncio. Cremos que tem sido excesso de trabalho e preocupações. Mas, por amor de Deus, quando tiver um minutinho, não se esqueça de nós.»

Pois quem pode esquecer-se daqueles que estão constituídos seu importante arrimo na condução de uma Obra que a todos pertence? — tesouro espiritual cujo título de posse é o nosso amor por Ela!

Não há, pois, hipótese de esquecimento. Tampouco de não reconhecer a legitimidade de um desejo vosso de atenção pessoal e até da sua necessidade. Que parcela caberá a esta omissão em alguns desaires sofridos? Só Deus sabe...

É a grandeza do número dos que esperam de nós, em idades de formação, uma presença que nem a eles toca tanto quanto é preciso, que nos força a deixar ir ficando para amanhã aqueles que julgamos já formados — como se alguém o estivesse completamente alguma vez!...

A verdade é que a nossa perspectiva de vós muda ao atingirdes a maturidade que permite uma opção consciente e conscienciosa, como mudou a preposição tónica no nosso lema: O PARA, cede o lugar ao DE.

Sim, a Obra que, em prioridade lógica, é para Rapazes, não será mais para vós, que estais aptos a subsistir por vós mesmos. Mas se o apelo que nela ecoa «martelou» a vossa alma e vos decidiu a consumir nela a vida, então, se ela já era de vós porque para vós, agora que podéis prescindir e a perfilhais, tomai-la em posse de um modo mais profundo, mais puro, definitivo. Não deixará a Obra de ser pelos Rapazes: pelos que passam e pelos que ficam. Permanecerá para Rapazes. E será de Rapazes: dos que estão e dos que esti-

SEGUE NA SEGUNDA PÁGINA



EDIFÍCIO DAS ESCOLAS DA CASA DO GAIATO DE LOURENÇO MARQUES.

A chama arde nos arraiais da Campanha com a intensidade de sempre! Não é uma repetição. É um facto. Por isso, louvamos o Senhor que infunde na alma de todos o doce activismo do Amor.

Até hoje — e em menos de um ano! — recebemos 1.830 novos leitores (durante esta quinzena foram mais 54), pescados pela devoção, sem limites, de muitos dos nossos Amigos da vanguarda. Qualquer coisa como 6,5% do total de leitores-assinantes e cerca de 4% da actual tiragem de O GAIATO. Muito sangue novo a circular!

E as lendas e cartas e postais suculentos e frutuozos?! São almas que transbordam. É Fogo que se espalha em centenas e centenas de indivíduos sequiosos da participação que é timbre do «Famoso».

● «O SENHOR ME HÁ-DE AJUDAR...»

A gente cai de joelhos com o trabalho e os propósitos e a mensagem dos peregrinos desta procissão — sem pieguices. É uma coluna viva — de olhos conscientes na Mensagem de Cristo Vivo. Como aquela nossa Amiga da Amadora: «...retive esta importância algum tempo na minha mão porque estava à espera de ver se arranjava outro assinante para mandar junto; mas eu não desanimo em procurar assinantes. O Senhor me há-de ajudar — eu conto com Ele.» Aqui está!

● UM CASO DIGNO DE NOTA

Agora, um caso digno de nota. É de Alverca:

Campanha de assinaturas

«Admirador da Obra criada por Padre Américo, gostaria de me tornar assinante do vosso Jornal. Junto envio também a morada de algumas pessoas amigas (8) e que têm igual desejo.»

Aonde chega a perfeição! Dê cá suas mãos ambas, bom amigo e Sr. José Manuel (em Alverca há muitos nomes iguais, com certeza). O seu trabalho vai tocar o coração de muitos; vai. Porque não reserva só para si o alimento — e o apetite. Abre as mãos. E não duvido — vamos ter ainda mais novos assinantes daquela zona, até Lisboa, por seu intermédio.

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Já falámos de Alverca, que despertou gente de Alhandra. E seguem mais presenças frescas da Póvoa de Santa Iria. E de V. N. de Gaia, Cinfães, Leiria, Viseu, Bucelas, Parede e Ovar...

● PORTO E LISBOA

Nas duas grandes urbes o entusiasmo cresce. Não é para admirar. São centenas de milhares de pessoas. E onde já muitas conhecem a Obra da

Rua, sim — mas só de nome, e sem penetrar no seu âmago. O GAIATO é o porta-voz. Escritórios, fábricas, cafés etc. são lugar de encontro. Marquemos encontro. Punhamos O GAIATO na baila, a bailar nos olhos, na alma dos amigos. O resto, não nos pertence... **Contemos com Ele**, parafraseando aquela senhora da Amadora. Do Porto, temos uma carta curiosa que não resistimos a transcrever. Ei-la:

«Junto envio a importância de... e os outros cinquenta seriam para a assinatura anual do vosso e nosso Jornal O GAIATO, que ficaria a ser endereçado para o meu sobrinho de 4 anos que já aprecia o Jornal...»

Em mesas redondas, colóquios, etc. põe-se hoje muito a sério a Educação, os métodos. Aqui vai um exemplo para os estudiosos...

O Porto marcou presença agradável. Lisboa porém adiantou-se — como é natural. Só uma lista do assinante 24533 trouxe 14, incluindo gente da capital, Amadora, Queluz, Tires, Linda-a-Velha, Parede e Mem Martins, com esta legenda:

«Junto lhes envio uma lista de futuros assinantes do querido Jornal O GAIATO. Todas essas pessoas foram por mim consultadas e estão de acordo... Creiam que a Campanha para mim não terminou, e sempre que possível, directa ou indirectamente, continuarei a tentar arranjar mais assinantes...»

Os votos finais estão a generalizar-se. É bom sinal. Aumente dar frutos. Quando, como e onde — não é conosco. Transcende as mãos do operário...

● ÁFRICA

Por terras de África permanece o interesse pela Campanha. Aqui temos Cubal:

«...Deus por todos nós!

«Atendendo ao apelo com vista ao aumento de assinantes do nosso GAIATO, consegui a adesão de pessoas amigas e vizinhas a quem peço o favor de ser enviado o Jornal logo que esta receba — se assim entender — mas considerando-os como assinantes a partir de 1 de Janeiro p. f.; isto para lhes facilitar o recordar a data de início da assinatura por ser um dia fácil de fixar e lembrar.

«É este mais um «trio», dos «fixes», com que O GAIATO pode contar e em que pode confiar! É pouco... mas bom!...»

Trabalho limpo! Os nossos parabéns.

Ainda de Angola, temos mais novos assinantes de Malanje.

Na outra costa houve uma pausa em Moçambique! Todavia, a colónia portuguesa na África do Sul desperta cada vez mais. Por isso, seguem presenças vivas de Joanesburgo.

E é tudo.

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

O Senhor chamou, após prolongada doença, o grande Amigo desta Casa, Anselmo Sousa Pinto. Foi um dos pioneiros de Moçambique: administrativo, depois explorador de minérios por conta própria, industrial de tabacos na Rodésia, gerente comercial, e por último administrador da Companhia de Seguros Lusitana que fundou e presidiu até escassos dias, mesmo do leito aonde Deus o veio chamar.

Homem de trabalho, empreendedor e tenaz como poucos, dedicado a Moçambique como raros. Não esbanjava, nem esmagava com a sua riqueza. Antes a reproduzia e repartia. Dele recebemos esta quinta e só o apego à vida e a esperança de melhoras que não vieram, retardaram sem remédio os planos que já tinha em mãos, para,

aqui, numa parcela de terreno ao lado da Aldeia, levantarmos um Calvário para doentes incuráveis. A ideia veio-lhe há meses, em dias já de grande sofrimento e talvez por causa disso. Mas não chegou a realizá-la.

Não era católico, mas homem de fé em Deus, de consciência bem formada e provada, coerente nas suas atitudes, que muitas vezes me impuseram admiração.

Durante longos meses, ao sabermos da gravidade da doença, os nossos rapazes que presidem à oração em comum, o lembraram ao Senhor. Teve pois a benção das crianças pobres de Moçambique a aguardá-lo na Vida. Assim seja.

P.e José Maria

CANTINHO dos que ficam

Cont. da PRIMEIRA página

veram, se consciente e deliberadamente não rejeitarem a posse que lhes é oferecida. Mas será sobretudo vossa — como é nossa! — para que a possuamos e a dominemos em fidelidade ao Senhor que no-la entrega, isto é, servindo.

Já estais a ver em que sentido muda a nossa perspectiva de vós: é o filho que vemos e sentimos, cada vez mais, irmão. Ainda que os anos mediem, as nossas posições tornam-se muito próximas. A corresponsabilidade na tarefa comum irmananos, na medida da nossa generosidade ao serviço dos Rapazes para quem a Obra é e pelos quais ela deve ser, sabendo nós que não o será sem o

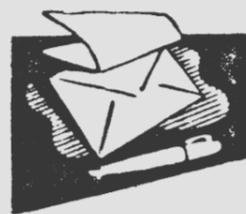
motor de arranque e de animação que nos compete ser.

Por amor deles parece que vos esquecemos. Mas se até de nós-mesmos nos esquecemos, nós que também não estamos acabados de formar! É a pressão da vida, das urgências de cada dia. É afinal a súplica da nossa Pobreza, que nem da nossa valorização ou da recomposição do que a vida nos desgasta, nós podemos cuidar suficientemente — para que refulja a presença de Deus entre nós, para que seja Ele o nosso suplente, Ele que nos escolheu como instrumentos da Sua Providência de Pai.

Não estranheis, pois, a nossa aparente falta de atenção. Aquele carinho maior de que outrora fostes alvo directo, pertence agora aos nossos Rapazes, em cujo amor nos encontramos e pelo qual sublimamos o amor que nos une — amor de pais e de filhos quase irmãos.

«Sou assinante do Gaiato desde já há alguns anos e, por isso estou em espírito convosco muitas vezes. Quando é feito apelo para uma ajuda material, fico sempre triste por não poder dispôr de umas parcelas para vos ajudar.

Sou professora do ensino Primário, estudei à custa de um tio sacerdote, já falecido, porque os meus pais além de pobres não tinham saúde. Fiquei sem mãe aos 18 anos com mais 4 irmãos mais novos. Tenho agora 30 e, o fruto do meu trabalho tenho-o empregado a auxiliar os meus e, sobretudo, a minha irmã mais nova que tirou este ano o seu curso à minha custa. As minhas economias são reduzidas, mas mesmo assim penso muitas vezes, quando fazemos um apelo para uma ajuda, se é lícito guardar para mim aquilo que de momento serviria outros. Tenho encontrado, no entanto, uma razão para não dar tudo, ultimamente, é o facto de pen-



Uma Carta

sar em breve casar e a minha saúde bastante abalada. Isto é uma prisão para mim, pois desde nova pensei que a liberdade não está em muito possuir, antes em se despojar de tantas coisas quer materiais, quer até de outra ordem. Orientaram-me para o Matrimónio, e vou casar-me porque amo o meu noivo, tenho vontade de amá-lo e encontro nele qualidades que me agradam. Como graças a Deus temos fé resolvemos de comum acordo renunciar ao anel de noivado e repartir por várias obras de assistência aos nossos irmãos menos favorecidos que nós, o dinheiro que ele custaria. Para vós vai a pequena parcela de

quinhentos escudos. Com os olhos em Deus, faço a renúncia a esta pequena alegria de trazer como as outras o que tanto simboliza, mas para mim, esta é uma das grandes alegrias.

Faz amanhã, dia 13 de Outubro, três anos que tivemos o nosso primeiro encontro. Foi numa 6.ª feira, dia do encerramento das festas do cinquentenário das aparições de Fátima. Consideramo-lo um dia lindo, apesar de ser 6.ª feira, dia 13. Peço ao Senhor que o meu noivo não desanime nem perca a fé, porque até hoje tem confiado no Senhor.

Que o Senhor abençoe a vossa Obra e os seus Obreiros!»



Esta é a epígrafe das quatro estações. O movimento está mais ou menos confinado aos velhos grupos bem nossos conhecidos; e estes formados pelas mesmas pessoas. Cada saída desta **Procissão** é uma correspondência nossa à sua admirável fidelidade a esta cruzada de dar casa aos que têm nada, ou tão pouco, que não chega para serem vistos ou ouvidos pelos que muito podem.

Vamos então à saída Outonal.

Das Casas para que vários concorrem apenas uma presença: a do licenciado do costume para a Casa dos ditos.

Dos Pessoais, temos quatro presenças de 140\$ cada, do da Panificação; três dos funcionários da Caixa Textil, somando 691\$50; quatro do Pessoal da HICA. Mas este agora aparece em dois grupos: um que anda pelos mil duzentos e quê por mês; o outro por trezentos e vinte. O que há muito me não lembro de ver é a contribuição da Empresa que, semestralmente, enviava tanto quanto no mesmo período tinham juntado os seus empregados.

Surgem agora os de todos os meses. É a mãe do Rui com a esmola da Missa pelo filho mai-lo sobranete. É o Major do Silêncio, com este feliz recado, entre outros:

«Felizmente, que posso marcar a minha presença e desta

AGORA

vez cumpro com dois promettimentos. O primeiro é o habitual e o segundo, é o aumento do meu auxílio mensal, por ter sido também aumentada a minha pensão de reforma. Vieram 20%, sobre a pensão que recebia. Aumento mais de 20% a minha ajuda mensal. E assim, fico descansado, porque mais uma vez, cumpro e satisfaço os meus desejos.»

Se aqueles para quem 20% são somas de estarrecer assim fizessem, oh mundo!, oh paz!

Três vezes passou D. Bertha. Outras tantas Berta e Jorge. Idem o assinante 6790. Duas a Maria do Pequeno Louvre. O mesmo Alda, do Ribatejo. E outra vez tripla presença da Maria, de Ois da Ribeira e da Rua Alexandre Herculano em Lisboa.

Fecha o grupo uma presença-dupla de alguém que não assina e cuja referência me não ocorre, posto a letra seja bem conhecida.

Daqueles donativos que cha-

mamos **casas por inteiro** e passamos a designar por **boladas maiores**, temos: 12 contos, «em cumprimento de um voto feito há anos. Deus concedeu-me a graça de possuir uma casa minha e prometi resolver esse problema a uma família pobre, se isso acontecesse. Venho cumprir. E embora saiba que agora já é pouco para a construção, que Deus me ajude e enviarei mais». É de Espinho.

Outra dúzia e este bilhete do meu Secretário: «Eram duas senhoras de meia-idade, que apareceram por cá neste dia pardacento, cumprindo uma promessa pró Património dos Pobres, entregue nas minhas mãos pecadoras.»

Finalmente 40 contos para a casa Maria Celeste. É uma lembrança de Mãe a sua filha que Deus levou.

Vamos agora aos **Avulsos**. Cinquenta de Arieiro - Coimbra. «Um tijolo» de mil, do Porto. Metade também da Invicta e «louvado seja N. S. Jesus Cristo». O mesmo, «no dia em que completamos 20 anos de matrimónio, pedindo uma oração por nós». Depositado no Banco, 1550\$ «por intenções particulares».

Quatro contos, de Cascais, de um Professor duma Escola Preparatória de Lisboa. 50\$00 de M. R — Lisboa. O mesmo, «por conta de promessas». 1281\$90 reunidos pelos «Bairristas do Palácio» em excursão e visita anual à nossa Casa.

5114\$, 1000\$ de Moçambique e 126\$50 em selos, encontrados no mealheiro do Teatro Sá da Bandeira. E 200\$, «a lembrar o dia em que Pai Américo partiu para o Céu» e que gostaria fosse distribuída em partes iguais para uma pedra da Casa N.º S.º do Carmo e para ajuda das muitas despesas dessa Obra. «Uma portuense qualquer» se chama ela. Mas Deus sabe-lhe o nome.

Vamos terminar com os das Casas a prestações.

O José da R. de S. Ildefonso mandou três remessas de 2 contos e esta carta:

«Certamente a minha ingenuidade levou-me a pensar que a casinha custava o mesmo que há dez ou quinze anos. Até parece que não vivo neste mundo. A vossa carta veio abrir-me os olhos e por isso aproveito a sugestão do meu padre em «repartir por famílias proletárias que fazem suas casas com um mínimo de condições».

Deste modo julgo não fugir ao meu desejo e contribuir para melhorar a sorte de alguém mais necessitado.

Rogo a Deus pela Obra dos Rapazes e «por todos os que nela trabalham».

Cruz, da Beira com 2x200\$ para a Casa de meu Pai. Três presenças de 110\$ «areíñas de amor» e mais 30\$ «de juro de

mora». Três vezes 1500\$ para a Casa Vinda do «Rosário» delas. A 14.ª prestação para a Casa José Carlos. 3000\$, 2.ª prestação de «uma Espanhola».

Trezentos e mil, de Maria Antonieta. E este desabafo:

«Peço a Deus que me dê a grande alegria de ver as minhas casinhas, mas talvez eu não mereça esta consolação.

Não tenho dúvidas que Deus quer que eu continue a enviar estas migalhas, pois quase se repete no dia a dia da minha vida o milagre da multiplicação dos pães e só assim eu consigo arranjar estas ofertas que mando com tanto gosto e tanta alegria. Peço sempre a Deus que aceite estas migalhas e o amor com que as dou, e em troca peço-Lhe que proteja sempre as minhas queridas filhas, as ajude para que elas

saibam cumprir fielmente a Sua Vontade».

Outro desabafo:

«Já há uns tempos que queríamos mandar mais um «avanço» para a casa do Espírito Santo, mas descuidámo-nos e por isso aqui segue hoje um vale de 500\$00. Agradecemos que digam uma oração de acção de graças por nós, pois após 7 anos de casados, o Senhor vai finalmente dar-nos um filho! Pode calcular a nossa imensa alegria! Que Deus nos ajude para que saibamos fazer dele um homem, um bom e valoroso cristão. Lembranças aos vossos rapazes».

E mais este:

«Entreguei há dois anos na festa do Monumental 20.000\$00 para a «Casa da Sagrada Família».

Foi-me dito que para completar a casa eram precisos mais 10.000\$00. Aí vão. Ajudem-me a dar graças a Deus por o ter podido fazer. Peço uma oração por mim e pelos meus. Obrigado».

Deus seja louvado!

LAR OPERARIO EM LAMEGO

Aproveitaram-se as férias para mandar o Durval ao Hospital Infantil de Montemor-o-Novo.

O Durval é um rapaz que foi vítima de paralisia e que veio para o Lar de S. Domingos, com o fim de frequentar a escola primária. Na terra dele ficava longe e a dificuldade em andar, impedia de ir à escola.

Fez o ano passado a 3.ª classe.

Os aparelhos ortopédicos de marcha, que trouxe da 1.ª vez que esteve no Hospital dos Irmãos de S. João de Deus, já estavam desarranjados e, além disso era preciso modificá-los de harmonia com o desenvolvimento físico do rapaz.

Escreveu-se para o Hospital com o fim de evitar a ida do Durval, pois a viagem é longa e dispendiosa. A resposta foi negativa, informando que nada se podia fazer sem a presença do pequeno. Abriu-se uma subscrição no jornal da cidade e entre amigos para custear as despesas do transporte e da substituição dos aparelhos ortopédicos, sendo muitos os que responderam.

O Durval é estimado pela sua delicadeza. Na caixa do correio, apareceram alguns donativos somente com a indicação «para o Durval». Outros eram acompanhados com expressões de carinho. Registamos o caso do pai de família que, ao ser abordado, contou os filhos e reparando na saúde que todos tinham, deu cem escudos por cada um, num total de 700\$00. Outra senhora, ocultando o nome, enviou 50\$ com estas palavras: Não mais te esqueceres, podes contar comigo.

Os Irmãos de S. João de Deus disseram que teria de lá ficar durante algumas semanas. Já

fomos à escola avisar os Senhores Professores de que o Durval só viria mais tarde por se encontrar em tratamento.

Também nos adoeceu gravemente outro rapaz no fim do ano lectivo. O Adriano é o mais antigo na Casa e quando chegou disse que aprenderia a Carpintaria. Em certa altura soube que a Direcção do Colégio Beneditino ofereceu um lugar e veio pedir-me para o deixar estudar. Disse que sim, e hoje estou satisfeito porque o Adriano tem ficado sempre no quadro de honra, estando já no 4.º ano. As vezes há dificuldade na compra dos livros. O médico, devido ao seu estado de saúde, aconselhou a que fosse internado, faltando na ocasião cerca dum mês para terminarem as aulas. Os Senhores Professores foram todos de opinião que partisse imediatamente, pois tinha o ano vencido. Foi com muita alegria que vi o Adriano novamente no quadro de honra, apesar de estar doente.

Mandámos-lhe diversos jornais para que o tempo no Hospital lhe parecesse menor. Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao jornal O Comércio do Porto e à Voz de Lamego as assinaturas que ofereceram graciosamente. Igualmente outros se têm lembrado do Adriano. Manifestamos a nossa gratidão pelos 100\$00 entregues no Colégio e por todo o carinho dispensado aos Rapazes do Lar de S. Domingos.

Padre Duarte

TRIBUNA de Coimbra

A vida das nossas comunidades, sempre viva e dinâmica, a atestar a virilidade da juventude que a constitui e das necessidades inerentes não só à formação humana dela como, também, à sua sobrevivência e integração numa vida futura de progresso, tem, por vezes, um aumento de actividade nos sectores agrícolas. Assim, com a colheita do milho e consequentes tarefas de transporte, desfolha, descarola e secagem, surge-nos um mundo de trabalho e, também, de alegria um pouco fora do habitual. É um rodopiar deles. Desde os «batatinhas» aos «doutores», fazem o que podem, para tudo estar a tempo nos seus lugares. Uns às foices, outros às máquinas, outros em grupo a limpar os carolos que a máquina não limpou, a desfolhar — é uma balbúrdia que consola porque acompanhada de cantigas e alegria. Este ano tivemos, cá, a descaroladora. O tempo ajudou e Deus não faltou.

Tivemos, também, a vindima. Não sei bem quantas pipas teríamos, se as uvas que nasceram e vingaram fôssem todas para o lagar. Porém, vi muitas dores de barriga e muitas barriguinhas bem cheias durante estes dias.

Assim, quem o comeu já, menos terá para beber depois. Mesmo com esta azáfama

extraordinária, não pararam as oficinas nem as obras e, ainda, lhes chegou tempo para raparem, nivelarem e ensaiarem o campo de futebol. Para que não ficasse algo a desdizer da categoria do nosso «estádio», conseguiram levar-me numas balizas novas em tubo de ferro e os das obras repararam as bancadas e caiaram todo o parque de jogos.

Neste atropelo todo, em que ninguém tropeçou, eu andei como turista, vendo e apreciando, não interferindo nem orientando. Deixei tudo a eles.

Dou graças a Deus por me ter dado estes dias tão saborosos em que cada um cumpriu e eu descansei.

Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes — eis a razão.

Do mesmo modo que cá em Casa, também no Lar deixei toda a orgânica a eles. Limitei-me a concordar com o programa que o chefe estabeleceu e, como confio no grupo que para lá foi, não penso perder muito tempo por lá.

Recebemos as mesas e cadeiras para o refeitório e secretárias para os estudantes trabalharem. Foram perto de 18 contos e meio. Ficou o Lar mais moderno e agradável. Mas o bonito vai ser para pagar a conta!..

Padre Abraão



Estamos a colher o nosso arroz. Ele é o nosso S. Miguel, por via do muito de esforço e sacrifício de todos nós.

Para não prejudicarmos a educação dos Rapazes, nem descuidar a sua valorização total fazemos tudo para que a colheita do nosso arroz — tão amargo — seja antes de começarem as aulas.

Muitos grandes proprietários têm os seus terrenos de arroz em brávia, por via de não dar lucro. É só o egoísmo a valer. Os outros não valem para esse egoísmo.

São onze horas da noite e a nossa debulhadeira está a trabalhar, puxada pelo nosso tractor e alimentada pelos nossos rapazes...! Eles são a base em que se apoia a Obra da Rua.

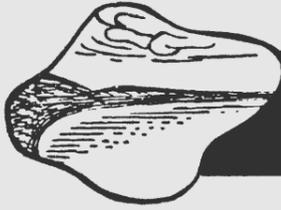
O «Pisco» — que agora já não é — é o que está a alimentar a máquina. Ele anda na tropa — é cabo miliciano — e tem brio... E nós queremos que ele seja homem na sua Casa. Lemos, o maioral, tem andado no campo a querer ser irmão dos que andam a ceifar e a conduzir os molhos prá eira.

João «Bonanza» não pára com a nossa O. M. Os mais pequeninos têm andado a apanhar as espigas soltas, e é aquele que procura fazer o melhor monte.

A vida deles é um poema. Mas neles também está o sacrifício. E que sacrifício!... Vê lá tu que acontecia teres que tirar da chuva o cereal que puseste ao sol?... — e calhou em altura de haver um programa sedutor na TV!

Com tudo isto é o sacrifício deles a valer para quando chegarem à vida verem, como o «Pisco» vê, que as Casas do Gaiato são família, onde cada um é, se chegar às tantas, e sem ter asas não voar pra tão longe.

A nossa liberdade não sai dos limites das famílias que querem ver os filhos sem com-



SETUBAL

plexos. Eles próprios procuram a vida da moda e vai de nós «vê lá!», à maneira que é preciso puxá-la para que eles sejam lema com moda, onde há moda sem lema.

O nosso arroz é... aquilo que não é, onde há gosto de o comer sem saber do seu amargo...

x x x

Há gente que procura as nossas oficinas para arranjar o trabalho mais barato. Ora, nós, se temos as nossas oficinas, é para escola dos nossos. Mas são oficinas tais como as outras, onde ninguém pode perder aquilo que não tem. Pois que quem venha não traga esta ideia.

Nós fazemos todo o esforço para servir o melhor que pudermos e aceitamos protestos de serviços mal executados, mas não queremos trabalho com o intuito de ser mais barato do que em outras oficinas. Seria deslealdade nossa para com elas.

Os amigos procuram-nos sempre como quem vai pagar um tributo devido. O nosso Lar tem sido motivo de turismo para uns, de interesses para outros. Mas para aqueles raros que nos amam com a inteligência — estes vão para verem e sentirem o nosso viver.

Um dia destes tive uma tarde feliz. Foi alguém que chegou, entregou o que trazia e ia retirar-se quando o cha-

mámos para nos ver. Estava à espera disso, e ficou radiante. Viu as nossas oficinas mais o nosso Lar, e vi lágrimas nos olhos daquela Professora, que é a cópia sensível do marido, que nos conhece desde o princípio.

Que bom haver Professoras que sentem a necessidade de comodidades para os da rua, como para os que vivem nos prédios vistosos ou nas vivendas ricas. Que bom ter havido quem custeasse a decoração do quarto dos nossos pequeninos, que a todos põe na boca um Ah!... A nossa biblioteca também está ao cuidado de casais amigos.

A nossa educação é mais eficaz se houver ambiente

capaz. É básico dar-lhes ambiente onde eles se sintam bem; que lhes faça esquecer a Baraca. Queremos incutir-lhes bom gosto e hábitos exigentes, para quando fundarem o seu Lar. Aqui tens, outra vez, o luxo(!) do nosso Lar, que arrancou lágrimas de amor à Professora que nos visitou.

x x x

O amor que lhes faltou ao nascer, aparece agora, que se sentem viver naquilo que é seu.

Eles e os cães é a conversa. Eu não sei como apareceu cá a «Violeta». O que sei é que ela roda ali a vacaria e para ela eu sou sempre «ladrão», por muitas festas que lhe faça.

Pois com os nossos não acontece tal. Eles todos são amigos. Agora é mais uma ninhada de cães que os vaqueiros têm para amimar. É obrigação que não é preciso recomendar. Isto é a Casa do Gaiato!

Ernesto Pinto

AREIAS DO CAVACO

Temos recebido muitas «queixas» dos Leitores desta zona, porque as notícias da nossa Casa são raras. Que assim não está bem! Que deixam de comprar a Jornal! Os pequenos vendedores entregam-me fielmente estes recados. E durante a semana, não me largam. Mal chega o Jornal, vão logo ver se descobrem as «Areias do Cavaco» ou a crónica de Benguela. Queixas de amigos. Deste modo, manifestam quanto nos querem; quanto se interessam por nós. Da nossa parte,

mais uma vez fazemos o propósito de em todas as quinzenas, estarmos presentes em vossas casas.

x x x

Há dias houve reunião de vendedores de «O Gaiato». Motivo: premiar um deles que atingiu os 17 anos. É a idade da reforma. Dar lugar a outro. Desta vez, foi o Armando premiado com um relógio de pulso. É serralheiro de profissão. Doravante não o vereis mais na

rua ou a bater às vossas portas. Outro o substituirá.

Esta reunião foi oportunidade para considerações importantes. O vendedor de «O Gaiato» não vai mendigar. Os nossos rapazes não mendigam. Essa missão pertence ao pai de família. Eles vão colher o fruto de um trabalho que é mais ou menos abundante conforme a generosidade de cada um. Por isso não se sentem humilhados, mesmo com 17 anos.

Felizmente são bem recebidos, à parte uma ou outra excepção, que não os faz desanimar. E transbordam de alegria quando chegam a Casa e vão prestar contas do seu trabalho. Maior alegria quando melhor remunerados.

As obras continuam. A Casa que há-de servir de Lar a 60 rapazes recebe nesta altura, o «chapéu». Que ninguém se escandalize por ser airosa, rasgada, com varandas a torná-la mais fresca nos dias quentes do verão do Litoral. Qual o pai ou mãe que não gosta de escolher o melhor para seus filhos dentro das suas possibilidades?! Assim também nós. Não sabemos por quanto nos fica. Até este momento estamos em dia com as contas. Não sabemos fazer orçamentos, nem disso somos capazes com medo de cruzarmos os braços.

Vamos caminhando ajudados, pois sòzinhos vacilávamos. O Pai do Céu conduz. Assim o entendem muitos dos nossos companheiros de viagem. Do Lobito, 120\$00 «e que Deus continue a abençoar essa grande Obra». Mais 300\$00. De

Madalena 200\$00, em cumprimento de uma promessa e «votos de muitas felicidades para a grande família que a todos nós pertence». Da Catumbela 250\$00, 500\$00, de Benguela; e mais 200\$00, para os Gaiatos de Benguela; pelas mãos dos vendedores, 100\$ mais 400\$. Mais 200\$, com esta legenda: «que Deus multiplique esta migalhinha saída do aumento dum casal de funcionários». 5.000\$00 de grande amigo do Lobito, pelas mãos do Solano, vendedor de «O Gaiato». Mais 400\$00, em cumprimento de uma promessa; e uma nota de 20\$ de quem vem todos os meses. Mais 100\$00; mais 300\$ e pede duas missas. Pelas mãos de vendedores de «O Gaiato» 600\$00, de Batilde. «Um casal cristão» grande amigo da Obra manda uma nota de mil. Mais 3.000\$00 mais 1.000\$, não sabemos de quem; um vale de correio de Nova Lisboa. Uma mãe e esta legenda: «para comprar uns tijolos para a vossa habitação — 100\$»; 220\$00 para o nosso pão; mais 250\$00, em cumprimento de uma promessa.

Temos passado regularmente todos os meses pelo escritório da empresa amiga a buscar dinheiro para o nosso pão. Todos os dias comemos peixe daquela outra empresa que nunca nos fechou as portas. Vamos todos os meses também levantar a outras Casas 1.000\$, 500\$, 500\$ mais 200\$, — contribuição voluntária que mensalmente se impuseram. Bem hajam.

Padre Manuel António

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página
morte no meio dos homens, mostrando-lhes o caminho. Este homem devia ser louco! A sociedade condenou-o: Ele era culpado do Amor(...)

...Cristo suscitou em cada um de nós uma vocação bem precisa, quer se situe na Escola, na Faculdade, na Profissão, no Lar. Mas seríamos nós capazes, se nos fosse pedido, (...) de nos comprometermos a fundo sem ser impedidos pelas consequências que daí possam advir? (...)



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Alguns compromissos particulares nos solicitam: p. ex. de membros vicentinos. Mas compreendemos a Caridade que nos é pedida para viver na Sociedade de S. V. P.?

Fazemos uma visita a uma pessoa idosa ou isolada, ou damos apoio a um doente, um diminuído físico, um delinquente, um recluso, mas amamo-los verdadeiramente? Não basta levar qualquer coisa: é preciso amor, verdadeira troca de amor. Não somos «visitadores», mas «companheiros de caminho». É preciso conhecer-se mutuamente. Saber escutar o outro é toda uma arte: aprendamo-la. Mas este amor não é passageiro. Deve reflectir-se na nossa vida de todos os dias. É amando todos os homens, tentando pormo-nos no seu lugar, que estabeleceremos um diálogo digno desse nome.

(...) Não há verdadeiro Cristianismo fora do entusiasmo, do dinamismo e da adaptação. Não nos preveniu S. Vicente de Paulo contra «os mornos que não têm senão uma pequena periferia, que limitam a vista como o desenho dum círculo em que se fecham como num só ponto»? «Não querem sair de lá e se se lhes mostra alguma coisa para além dele aproximam-se para o observar, mas logo voltam ao seu centro como os caracóis voltam para a concha...»

Deus nos preserve de limitarmos assim os nossos horizontes!»

(CHRISTIAN JENISCH, da Comissão de Jovens de Paris Cahiers Ozanam, Março-Abril 1970).

Visado pela Comissão de Censura